



## ***Tristes* de Ovídio: gênero, amor e lamento na poética do exílio**

*Laís Scodeler dos Santos\**

**Resumo:** Em 8 d.C., Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.) foi condenado por Augusto ao exílio e, por isso, ele compõe elegias que são, segundo o poeta, similares à sua situação. Levando em conta a existência marcante da matéria erótica em Ovídio, este artigo pretende analisar a presença da temática amorosa nas elegias do exílio por meio de alusões à Arte de Amar, especialmente em Tr. II, que também podem ser encontradas em outras elegias que compõem os cinco livros dos Tristes.

**Palavras-chave:** Ovídio; *Tristes*; Exílio; A Arte de Amar; Autobiografia; Lamento.

### **Ovid's *Sorrows*: gender, love and lament in the poetics of exile**

**Abstract:** In 8 AD Ovid was sentenced by Augustus to exile and therefore he composes elegies that are, according to the poet, similar to his situation. Considering the preeminent existence of the erotic poetic matter in Ovid, this study intends to analyze the presence of the amatory elegy in the exile's elegy through the allusions to The Art of Love, especially on Tr. II which can also be found in the other elegies which compose the five books of Sorrows.

**Keywords:** Ovid; *Sorrows*; Elegy; The Art of Love; Autobiography; Lament.

---

\* Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista em Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [laisscodeler@yahoo.com.br](mailto:laisscodeler@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5243842660247955>.

## Introdução

Ao tomarmos como objeto de estudo os *Tristes*, poemas compostos pelo poeta Ovídio<sup>1</sup> (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.) no seu período de exílio (8 d.C.), faz-se necessário recordar que, até 1960, como Nagle (1980) aponta, tais poemas não eram considerados, em si, obras literárias e serviam, sobretudo, de fonte para informações históricas, biográficas e etnográficas acerca de Ovídio e do local onde teria vivido o resto dos seus dias. Segundo a estudiosa, a partir dessa época, começaram a surgir pesquisas sobre os aspectos poéticos dos *Tristes*. Ela constata, também, que, ainda assim, trabalhos sobre temas não relacionados aos aspectos poéticos continuaram (e continuam) sendo produzidos, trabalhos voltados para os tradicionais “problemas” associados à obra, como a possível causa do exílio<sup>2</sup> do poeta, por exemplo.

Devido à escassez de outras fontes, além da obra do próprio Ovídio, que discutam seu desterro, até hoje não é possível saber com certeza o que o motivou, como ele se deu, se ocorreu tal como descrito nas elegias e nem se, de fato, aconteceu. Além disso, são pouquíssimas as menções relativas à sua condenação encontradas em textos antigos, e, nenhum desses textos o descreve com detalhes suficientes para confirmar, de algum modo, a veracidade do conteúdo dos versos. Nos *Tristes*, Ovídio não discute de forma clara a causa do desterro: pelo contrário, ele fala de

---

<sup>1</sup> Muito do que se diz sobre Publius Ovidius Naso, 43 a.C. – 17/18 d.C. é retirado das informações presentes em *Tristies* II e IV, 10. Encontramos, também, informações sobre Nasão em fontes antigas: há menções feitas a ele em Sidônio (*carm.* 23) e em Suetônio (*Cal.* 23). Citamos, ainda, os trechos encontrados em Sêneca, o *retor* (*Controv.* II, 2, 8 e em *Controv.* II, 2, 10), em que há informações sobre a inclinação de Ovídio à poesia, por exemplo.

<sup>2</sup> Utilizaremos, para nos referir à expatriação de Ovídio os termos “exílio” ou “desterro”, a fim de ficarmos mais próximos dos termos utilizados pelo poeta. Mas, é conveniente, para o nosso estudo, distinguirmos dois termos: *exilium* e *relegatio*. Para isso, utilizaremos as palavras de Prata: “a expatriação de Ovídio não se configura como um *exilium*, mas sim como uma *relegatio*, uma vez que o poeta não perdeu sua cidadania e seus bens não foram confiscados” (2002, p. 117). Embora o poeta chame a si, na maioria das vezes, de *exul*, sabemos que o termo mais apropriado é *relegatus*.

forma velada sobre o ocorrido, referindo-se aos motivos da sua condenação como *duo crimina, carmen et error* (Tr. II, 207).

Por isso, pensamos que é em decorrência dessa carência de informações que esses estudos que interpretam a obra do poeta como fonte de informação biográfica surgiram e, até hoje, ainda são produzidos. Mas, ainda assim, levaremos em conta, neste artigo, os aspectos poéticos da obra mencionada acima, considerando-a como sendo o que é em essência: poesia.

### Ovídio e o gênero elegíaco

Ovídio inicia sua produção poética com os *Amores*<sup>3</sup> e dá continuidade a ela compondo obras como a *Arte de Amar*, os *Remédios para o Amor*, os *Cosméticos para o Rosto da Mulher* – três obras publicadas em 1 d. C. – e as *Heróides*, publicadas no período entre 15 d. C. e 3 d. C. Desde essa produção, já chamava atenção o modo como lidava com o gênero elegíaco romano e seu gosto pela temática amorosa. Para explicar melhor a forma peculiar do poeta de lidar com gênero, podemos trazer à baila as palavras de Conte:

A aderência a um gênero como a elegia amorosa não significa, para Ovídio, como ocorreu aos seus predecessores, uma escolha absoluta de vida, centrada no amor. Em particular, isso não delimita um horizonte ou exclui outras experiências poéticas, como era o caso dos poetas amorosos<sup>4</sup> (1994, p. 342).

---

<sup>3</sup> Segundo Thorsen (2013), há controvérsias sobre isso, pois, no epigrama inicial dos *Amores*, tem-se a informação de que a obra, antes composta por cinco livros, teria sido editada e reduzida a três livros. Na sua segunda edição, talvez modificada depois da composição das outras obras, encontramos alusões tanto à sua tragédia perdida, *Medéia* e às *Heróides* (Am. II, 18, 13-14; 19-34) quanto à *Arte de Amar* (Am. II, 18, 19-20).

<sup>4</sup> “Adherence to a genre such as love elegy does not mean for Ovid, as it did for his predecessors, an absolute life choice, centered on love. In particular it does not delimit a horizon or exclude other poetic experiences, as was the case of love poets”.

Nessa passagem, o estudioso traz uma importante característica do fazer poético ovidiano: diferentemente de seus predecessores, Galo (70 a.C. – 26 a.C.), Tibulo (54 a.C. – 19 a.C.) e Propércio (43 a.C. – 17 a.C.), Ovídio, ao se filiar à tradição dos poetas elegíacos romanos, não compõe exclusivamente poemas elegíacos amorosos. O poeta, como sabemos, escreveu, também, um poema épico, *Metamorfoses* (publicado em 8 d.C.) e uma tragédia, *Medéia*, que não chegou até nós. Como o estudioso aponta, o início da carreira ovidiana, centrado na produção de elegias amorosas, não limita sua experiência poética a um só gênero, nem mesmo a uma única temática.

Os poemas que compõem os *Tristes*, apesar de serem escritos em dístico elegíaco, metro utilizado na composição das elegias eróticas romanas, apresentam como matéria principal o lamento pela má sorte da *persona* poética que se encontra exilada, e não o sofrimento do poeta que tenta, em vão, conquistar a *puella*. Ao compor tais versos, segundo afirma Nagle (1980), ele filia-se a outra tradição elegíaca, a alexandrina, cuja principal característica era o caráter fúnebre e lamentoso.

E, além de utilizar elementos da tradição à qual se filia, percebemos que o poeta, em toda a sua obra poética, também é capaz de incorporar elementos diferentes, que, aliados àqueles que já são tradicionais, compõem o que conhecemos hoje como a poética ovidiana, como melhor trataremos a seguir. Em outras palavras: “(...) junto com o uso de temas e tons da tradição, aspectos novos já são claramente observados, os elementos próprios e característicos da elegia ovidiana” (CONTE, 1994, p. 343)<sup>5</sup>. Nesse sentido, percebemos que, nas elegias do exílio, o poeta, diferentemente dos predecessores, inova ao filiar-se a uma tradição que não era a romana, essencialmente amorosa<sup>6</sup>, mas, ainda que o faça, não deixa de trazer a temática amorosa, mesmo que não a coloque

---

<sup>5</sup> “(...)together with the manner and the themes and tones of the tradition, new features are already clearly observable, the elements proper to and characteristic of the Ovidian elegy”.

<sup>6</sup> Ver Gold (2013).

como sendo motivação central dos poemas compostos em Tomos, como veremos.

### **Gênero e contexto na poética do exílio**

O aspecto mais marcante da suspensão das convenções de gênero relativas à elegia romana, para nós, está relacionado à matéria central das elegias compostas no desterro: Ovídio versava predominantemente sobre amor e, durante o exílio, nos apresenta uma poética que, à primeira vista, chama mais atenção pela quantidade considerável de material autobiográfico, como mostra Möller (2015), e por possuir como temática principal o sofrimento da *persona* do um poeta exilado e não do amante que figurava na sua obra amatória.

Ovídio, ao escrever os *Tristes*, como dissemos anteriormente, apresenta ao leitor a *persona* de um poeta em desgraça, que lamenta sua condição de exilado. Valemo-nos das palavras de Conte para analisar o contexto de produção durante o desterro:

Acostumado ao sucesso, à admiração apaixonada do público cativado pelo seu talento, Ovídio de repente se encontra sozinho, compondo poesia para si mesmo, e sua condição como artista sem um público, sem contato com uma audiência, sugere a ele a imagem triste de um homem dançando nas trevas (1994, p. 357).<sup>7</sup>

O estudioso chama atenção para a difícil situação do poeta exilado em uma terra bárbara, sem contato com seu público leitor. Ovídio lamenta, como afirma o estudioso, a perda de seu público e o fato de não ter por perto alguém que possa ouvir ou ler seus versos, senão os bárbaros:

---

<sup>7</sup> “Accustomed to success, to the fervent admiration to a public captivated by his virtuosity, Ovid all at once finds himself alone, composing poetry for himself, and his condition of an artist without a public, lacking contact with an audience, suggests to him the gloomy image of a man dancing in the darkness”.

*Sed neque cui recitem quisquam est mea carmina,  
nec qui*

*Auribus accipiat verba Latina suis.*

*Ipse mihi quid enim faciam? E scriboque legoque,*

*Tutaque iudicio littera nostra suo est.*

*Saepe tamen dixi: "Cui nunc haec cura laborat?*

*An mea Sauromatae scripta Getaeque legent?"*

**Mas não há para quem declamar meus versos, nem quem**

**Possa ouvir e compreender palavras latinas.**

É para mim mesmo – que fazer, afinal? – que escrevo e leio,

E meus escritos não têm que temer seu julgamento.

Mas amiúde digo: “Para quem se empenha tal fadiga?

Acaso meus versos os sármatas e os getas lerão?” (*Tr.* IV 1, 89-94, grifo nosso).<sup>8</sup>

Como observamos nos versos acima, Ovídio se vê sem a audiência de sempre e diz escrever para si mesmo (*ipse mihi*, v. 92). A solidão na qual se encontra (longe dos amigos e familiares) e o profundo desgosto pelo lugar onde deve viver até o fim de seus dias refletem a má condição de Nasão, como em *Tr.* II (vv. 193-196):

*Cumque alii causa tibi sint grauiore fugati,*

*Vltior nulli quam mihi terra data est;*

*Longius hac nihil est, nisi tantum frigus et hostes,*

*Et maris adstricto quae coit unda gelu.*

Embora outros tenham sido por ti banidos por motivos mais graves,

A ninguém que não a mim foi destinada terra mais distante;

Mais além dessa nada há senão apenas frio e inimigos  
E ondas do mar congeladas pelo frio glacial.

---

<sup>8</sup> As traduções dos *Tristes* são de Prata (2007).

Na passagem acima, o poeta expressa seu descontentamento com a decisão de Augusto de tê-lo banido para uma terra tão distante e inóspita, já que tal pena não foi imputada a outros que cometeram crimes mais graves. Acostumado ao conforto de Roma, ao encontrar-se sozinho, nos confins do mundo, rodeado de bárbaros que não falam latim e, por isso, são incapazes de entendê-lo, é como se Ovídio estivesse, como sugere Conte (*ibid.*) “dançando nas trevas”.

Ele ainda expõe as condições do local de seu exílio: nada senão o frio, inimigos e as ondas do mar congelado. Nos chama a atenção, aqui, o valor literário e retórico da descrição. Retórico no sentido de tentar convencer Augusto, e, literário, no sentido da criação da imagem essencialmente lamentosa do personagem. Para lamentar os infortúnios do exílio, não deve haver amenidades, pois, o objetivo é moldar a imagem da *persona* e o seu discurso a fim de que fiquem reais a ponto de convencer Augusto e comover os demais leitores.

Nas *Pônticas*, encontramos uma postura semelhante, inclusive porque, segundo o poeta *relegatus*, a matéria é a mesma que a da obra anterior, uma vez que o poeta define as *Pônticas* como uma espécie de “continuação” dos *Tristes*:

*Inuenies, quamuis non est miserabilis index, non  
minus hoc illo triste quod ante dedi.  
Rebus idem, titulo differt, et epistula cui sit non  
occultato nomine missa docet.*

Verás que, embora não possua um título que expresse infelicidade, não é menos triste do que aquele que antes escrevi

A matéria é a mesma, difere o título, e a epístola, sem que seja ocultado o nome, revela a quem é destinada Ex P. (I, 1 15-18).<sup>9</sup>

Para nós, a imagem que Ovídio elabora de um poeta mutilado, sem seu público, forçado a viver entre povos hostis, indica não só a mudança de

---

<sup>9</sup>Tradução nossa.

contexto que encontramos nas elegias escritas em Tomos, e de certo modo uma ruptura em relação a sua produção anterior, como propõem os estudiosos, mas, principalmente, enfatizam o caráter poético da obra, no qual baseamos a nossa análise. Nasão descreve o ambiente onde está exilado para sinalizar ao leitor que, naquele horrível local, não é possível compor algo grandioso. A nosso ver, o ambiente hostil faz parte da composição da imagem que o poeta queixoso deve apresentar para convencer o público do seu sofrimento.

At timor officio fungi uetat ipse quietum:  
Cinctus ab innumero me tenet hoste locus.

**Adde quod ingenium longa rubigine laesum  
Torpet et est multo, quam fuit ante, minus.**

O próprio temor, todavia, impede-me de realizar  
tranqüilo o [trabalho]:  
Este lugar, cercado por inimigos inumeráveis, detém-  
me.

**Acresce que o engenho, prejudicado pela longa  
inércia,**

**Entorpece-se e é muito inferior a antes** (Tr. V 12,  
19-22, grifo nosso).

Notamos que a situação do poeta não é, segundo dizem os versos, nada favorável para a produção poética, pois o lugar onde se encontra é repleto de hostilidade, como vimos, ele está cercado de inimigos e o temor o impede de escrever. Por conta disso, o poeta afirma que seu engenho se entorpece e o define com inferior ao de antes. Entendemos a mudança de ambiente representada acima como uma mudança na temática elegíaca, pois, diferentemente de quando estava em Roma, agora o contexto de produção é outro e, por conseguinte, a matéria poética também o será, bem como a função conferida ao fazer poético.

Mas, para Schiesaro (2006), Ovídio, na verdade, nunca deixou de versar o amor. Na esteira do estudioso, analisaremos, brevemente, como o poeta lida com o gênero elegíaco nos *Tristes* e como a temática amorosa

permeia tal obra, levando em conta a presença da *Arte de Amar* nos versos produzidos em Tomos.

## Amor e exílio

Ovídio inicia o segundo livro dos *Tristes* com os seguintes versos:

*Quid mihi uobiscum est, infelix cura, libelli,  
Ingenio perii qui miser ipse meo?  
Cur modo damnatas repeto, mea crimina, Musas?  
An semel est poenam commeruisse parum?  
Carmina fecerunt ut me cognoscere uellet  
Omne non fausto femina uirque meo:  
Carmina fecerunt, ut me moresque notaret  
Iam demi iussa Caesar ab **Arte mea.***

O que tenho convosco, ó infeliz afã, meus livros,  
Eu que, desgraçado, pereci pelo meu próprio  
engenho?  
Por que retorno às já condenadas Musas, meu crime?  
Acaso é pouco ter merecido o castigo uma vez?  
Os versos fizeram que desejassem me conhecer,  
Por um infeliz agouro, homens e mulheres.  
Os versos fizeram que a mim e meus costumes  
censurasse  
César pela **minha Arte**, ora proscrita (vv. 1-8, grifo  
nosso).

Acima, a *persona* do poeta *relegatus*, chamando a si de *miser*, diz ter perecido por conta de seu próprio engenho que, ironicamente, também foi a razão, no passado, para que ganhasse fama e reconhecimento, como dito nos versos 5 e 6. Nos seguintes, o poeta também atribui aos versos

(*carmina*) o motivo de ter sofrido com a censura de Augusto (censura esta direcionada, em específico, à *Arte de Amar, ab Arte*<sup>10</sup>).

Nos primeiros versos citados, o poeta atribui a seu engenho o motivo da triste condição atual e, de certa forma, por, ainda assim, continuar escrevendo, e se pergunta por que retorna às Musas que já o condenaram antes. Nessa passagem, poderíamos, em um primeiro momento, entender as Musas como sendo uma alusão ao fazer poético em si, que Nasão não deixa de lado, ou, de maneira mais específica, como alusão às obras amorosas precedentes, melhor dizendo, à *Arte de Amar*, citada nominalmente no verso

Como estamos considerando a *Arte* o *carmen* referido nos *duo crimina*, a nosso ver, quando o poeta diz que retorna às Musas que já o condenaram e as define como seu crime (*mea crimina*, v. 3), é à *Arte* a que ele está aludindo.

Na passagem acima, a referência feita à *Arte de Amar*, como já dissemos, é explícita, uma vez que Ovídio a cita declaradamente já no próêmio da elegia II, o que reforça a importância de tal alusão. Ciccarelli (2003), ao comentar tais versos, diz que a relevância da *Arte* pode ser notada tanto pela ocorrência de *ab Arte mea* na cesura do verso quanto pelo uso da preposição *ab*, indicando, com o seu valor causal, a obra como primeira origem da condenação súbita do poeta. Além disso, Ovídio, ao problematizar a vida atribulada e repleta de atividades bélicas de Augusto, alega que o imperador, por conta disso, não teve tempo para ler os seus gracejos (*iocos*), pois, do contrário, não teria visto nada de criminoso, aludindo, novamente, à *Arte*<sup>11</sup>:

Mírer in hoc igitur tantarum pondere rerum,  
Te nunquam nostros euoluisse **iocos**?

---

<sup>10</sup> Todos os editores e comentadores de edições consultadas, como André (1987), Lechi (1993) e Montero (2012), utilizam letra maiúscula para se referirem ao *carmen* de que o poeta fala e, por isso, também o fizemos.

<sup>11</sup> Uma interpretação mais ampla quanto às artes e musas tematizadas por Ovídio como motivo para sua condenação é encontrada na história da recepção do texto em várias áreas, sobretudo, no que diz respeito ao mito de Actéon, como no artigo de Cardoso (2004).

At si, quod mallem, uacuum tibi forte fuisset,  
Nullum legisses crimen in **Arte** mea.  
Illa quidem fateor frontis non esse seuerae  
Scripta nec a tanto principe digna legi;  
Non tamen idcirco legum contraria iussis  
Sunt ea Romanas erudiuntque nurus.

Poderia, então, me admirar que com o peso de tantas  
Preocupações nunca lesse os meus gracejos?  
Mas se acaso, o que preferiria, tivesses tido tempo,  
Nada de criminoso terias lido em minha **Arte**.  
De fato, confesso, tais escritos não são de caráter  
austero  
Nem dignos de serem lidos por tão grande príncipe;  
Todavia, não são por isso contrários aos preceitos  
das leis  
Nem instruem as esposas romanas (vv.237-244-grifo  
nosso).

Acima, Ovídio sugere que Augusto não leu seus versos amorosos, pois, do contrário, ele não os teria condenado. Mas, ao mesmo tempo em que diz isso, ele afirma, ao que nos parece, ironicamente, que eles não são dignos da leitura de um príncipe. Ovídio apresenta Augusto como uma figura ocupada, que não tem tempo para a leitura (de gêneros leves, pelo menos) e que é capaz até mesmo de condenar um poeta por este ter escrito uma obra que ele próprio não se dignou a ler. Apresentando, dessa maneira, o *princeps*, o vate está, a nosso ver, criticando, ou melhor, ridicularizando a imagem de César. Na esteira de Tarrant (2006, p. 24), é de se perguntar: como pôde ele sentenciar um poeta ao exílio sem nem saber qual era o real conteúdo dos versos que tanto julgou?

Ovídio também diz, na passagem acima, que seus versos estão em conformidade com as leis (morais) e, assim, ao mesmo tempo em que ridiculariza a imagem do soberano, ele defende a inocência da *Arte* das acusações de imoralidade. A nosso ver, a defesa feita por Ovídio, nos *Tristes*, se dá, também, por meio da *Arte de Amar*, uma vez que a obra e seu conteúdo servem como argumento para que ele tente convencer Augusto de sua inocência: se não há crime em seus versos, por que mereceria, o seu autor, uma condenação? Para nós, o fato de Ovídio

utilizar a defesa de uma de suas obras para elaborar a sua própria justificativa, chama atenção tanto para a importância dos versos amatórios, inseridos no contexto do lamento, quanto para o caráter poético dos *Tristes*.

Para reforçar sua argumentação e para tentar se eximir da culpa de ensinar imoralidades à população de Roma, em especial às matronas, Ovídio cita um trecho que pertence à *Arte*:

Neue quibus scribam possis dubitare libellos,

Quattuor hos uersus e tribus unus habet:  
"Este procul, uittae tenues, insigne pudoris,  
Quaeque tegis medios instita longa pedes!

**Nil nisi legitimum concessaque furta canemus,**  
Inque meo nullum carmine crimen erit."

E para que não duvides a quem escrevi tais livros,

Estes quatro versos um dos três traz:  
"Ficai longe, ó ténues fitas, insígnia do pudor,  
E tu, ó longa veste, que encobres metade do pés,

**Nada, senão legítimo, e amores permitidos  
contarei,**  
E em meu poema nada de criminoso haverá" (vv.  
245-250, grifo nosso).

Mapeando as referências, no passo acima, Ovídio alude novamente à *Arte de Amar* ao citar praticamente *ipsis litteris* alguns de seus versos, que abaixo transcrevemos:

Este procul, vittae tenues, insigne pudoris,  
Quaeque tegis medios, instita longa, pedes.  
**Nos venerem tutam concessaque furta canemus,**  
Inque meo nullum carmine crimen erit.

Ficai ao longe, ó fitas ténues, insígnias do pudor, e tu,  
ó veste longa, a roçar o meio dos pés. **Nós Vênus  
segura e os furtos permitidos cantaremos,** e em

meu poema nenhum crime haverá (Ars, I, 31-34, grifo nosso).<sup>12</sup>

Observamos, ao contrastar o trecho da *Arte* citado nos *Tristes*, que o poeta modifica o verso 33. Para Barchiesi (2001, p. 91), a interpolação (*nil nisi legitimum concessaque furta canemus*) mostra que a *Arte* nunca estaria suficientemente segura, e que, ainda que o poeta a estivesse protegendo de acusações, esta já estava condenada. O estudioso afirma, ainda, que, se Augusto não fosse um leitor atento da *Arte*, ele não se lembraria que os versos 247-250 aludem a ela e, menos ainda, perceberia a modificação do verso 33. Para nós, além de corroborar a faceta metapoética dos *Tristes*, a passagem acima traz uma ideia paradoxal: se o poeta almeja o perdão de Augusto, não deveria ele exaltar o princeps? Em vez disso, Nasão parece jogar com o desconhecimento de César acerca dos poemas de seu tempo, utilizando recursos dos quais ele, possivelmente, não se daria conta.

Como exemplo, podemos citar o verso em que Ovídio diz, tanto na *Arte*, quanto nos *Tristes*, quando a retoma, que não haverá crime em seu poema. Será mesmo que, para eximir sua obra amatória de acusações e julgamentos maldosos, dizer que não haverá, ali, nenhum crime é suficiente? E o texto não terá nada de criminoso somente por que assim ele diz? Acreditar que bastaria um aviso advertindo aos leitores para que seus versos se mantivessem a salvo nos parece tão ingênuo quanto trazê-lo como argumento para defesa da *Arte de Amar*. Percebemos, então, que Ovídio, nos versos compostos em Tomos, apresenta ao leitor, por meio de um jogo poético, a *persona* de um poeta querelante, que, afastado de Roma, lamenta sua má sorte.

Ao fazê-lo, o poeta mostra-se inconformado quanto à sua atual condição e, filiado à tradição alexandrina, ao compor suas elegias, não mais utiliza como matéria central de seus versos o amor, mas, sim, o lamento por estar exilado, longe de Roma e sem sua audiência. E, ainda que o amor não seja declaradamente a motivação dos poemas escritos em Tomos, vimos que o poeta não o deixa de lado, trazendo-o por meio de

---

<sup>12</sup> Tradução em prosa de Trevizam (2003).

alusões diretas à *Arte de Amar* e aos tempos de *praeceptor amoris*, função vinculada à obra proscrita.

## **Conclusão**

Ao mesmo tempo, então, em que diz não versar mais amenidades no exílio, os versos amorosos, em *Tr. II*, diferentemente do que notamos nos demais livros da obra, o poeta defende a obra amatória. Em *Tr. II*, o poeta elabora uma defesa à sua *Arte de Amar* e, por isso, alude a ela diretamente. Essa defesa visa afastar da obra injustas acusações, como as de que a obra amatória teria corrompido os leitores, induzindo, principalmente as matronas, à prática do adultério. Essa temática também é trazida por Nasão aos versos do exílio, principalmente quando ele mostra a Augusto vários episódios de amores ilícitos, presentes, inclusive, em poemas épicos, como a *Eneida*, por exemplo. Em *Tr. II*, ele chega a citar versos de seu próêmio da *Arte*, elaborando o que, para nós, se configura como uma defesa metapoética, ou, mesmo do fazer poético e, por conseguinte, da *persona* exilada.

Para finalizar, concluímos que, ainda que o material autobiográfico esteja presente na obra do exílio de forma considerável, como sugeriu Nagle (1980), seu caráter poético é certamente inegável. Ovídio, nessa obra, contrariamente ao que afirma nos versos que a compõem, mostra-se tão ou mais engenhoso quanto nas outras e, ao mesmo tempo em que rompe com as tradições as quais se filia, ele mantém as convenções genéricas para criar os efeitos de sentido desejados. Para nós, as estratégias ovidianas de construção do discurso da *persona* exilada e o modo como o poeta lida com outras temáticas, além daquela que se propõe, fazem com que concordemos com Harrison (2006) quando ele diz que “supergênero” é o termo melhor do gênero para definir a maestria com que Nasão esgarça as fronteiras do gênero elegíaco: mas (e nisso concordamos com , como nos diz Albrecht 1987), ele o faz, sem, contudo, excedê-las.

## Referências

- BARCHIESI, Alessandro. Narratività e convenzione nelle Heroides. *Materiali e Discussioni Per L'analisi Dei Testi Classici*, n. 19, P. 63-90, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2307/40235895>.
- BARCHIESI, Alessandro. *The poet and the prince. Ovid and augustan discourse*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1997.
- BARCHIESI, Alessandro. Teaching Augustus Through Alusion. In: BARCHIESI, Alessandro; FOX, Matt; MARCHESI, Simone (Orgs.). *Speaking Volumes: Narrative and Intertext in Ovid and Other Latin Poets*. Edited and translated by Matt Fox and Simone Marchesi. Londres, 2001, p. 79-105.
- CARDOSO, Isabela Tardin. Metamorfoses do desejo no Actéon ovidiano. In: LEITE, Nina Virginia de Araújo (Org.). *Corpolinguagem: a estética do desejo*. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 45-62.
- CICCARELLI, Irma. *Commento al II libro dei Tristia di Ovidio*. Bari: Edipuglia, 2003.
- CLAASSEN, Jo-Marie. *Displaced Persons: The Literature of Exile from Cicero to Boethius*. London: Gerald Duckworth, 1999.
- CLAASSEN, Jo-Marie. Tristia. In: KNOX, Peter (Ed.). *A Companion to Ovid*. Oxford: Blackwell, 2009. p. 26-45. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781444310627.ch12>.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a History*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.
- GOLD, Barbara K. Introduction. In: GOLD, Barbara K. (Ed.). *A Companion to Roman Love Elegy*. Oxford: Blackwell, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118241165>.
- INGLEHEART, Jennifer. *A Commentary on Tristia Book II*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LABATE, Mario. L'arte di farsi amare. In: LABATE, Mario. *Modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini Editori, 1984.
- LABATE, Mario. Elegia triste ed elegia lieta. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, n. 19, p. 91-106, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2307/40235896>.
- MÖLLER, Melanie. Ovid. In: WAGNER-EGELHAAF, Martina (Ed.). *Handbook Autobiography/Autofiction*. Berlin-New York, 2015 (no prelo).
- NAGLE, Betty Rose. *The Poetics of Exile: Program and Polemic in the Tristia and Epistulae ex Ponto of Ovid*. Bruxelas: Latomus, 1980.
- OVID. *Ovid's poetry of exile*. Translated into verse by David R. Slavitt. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1990.

OVID. *Tristia. Ex Ponto*. Trad. Arthur Leslie Wheeler. Rev. George Patrick Goold. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1924. DOI: [https://doi.org/10.4159/DLCL.ovid-ex\\_ponto.1924](https://doi.org/10.4159/DLCL.ovid-ex_ponto.1924).

OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Belles Lettres, 1987.

OVIDIO. *Il Tristia. Volume primo*. Traduzione di Francesco Della Corte. Genova-Sestri: Tilgher-Genova, 1972.

OVIDIO. *Tristium*. lib. I e II. Illustr. da G. Ferrara. S.1: Sn, 19-?.

OVIDIO. Genova-Sestri: Tilgher-Genova, 1972. *Tristezze*. Introduzione, traduzione e note di Francesca Lechi. Milano: Rizzoli, 1993.

OVIDIO. *Tristes, Cartas del Ponto*. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero. Madrid: Alianza, 2002.

OVIDIO. *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OVIDIO. *Tristium*. Trad. Augusto Velloso. Rio de Janeiro: Simões, 1952.

OVIDIO. *Os Remédios do Amor*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. 2007. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SANTOS, Laís Scodeler. *Autobiografia e a presença da Ars Amatoria nos Tristia de Ovídio*. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SCHIESARO, Alessandro. Ovid and the professional discourses of scholarship, religion, rhetoric. In: HARDIE, Philip. (Ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 62-76. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521772818.005>.

TARRANT, Richard. Ovid and ancient literary history. In: HARDIE, Philip (Ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 13-33. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521772818.002>.

THORSEN, Thea S. Ovid the Love elegist. In: THORSEN, Thea S. (Ed.). *The Cambridge Companion to Love Elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 114-130. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCO9781139028288.011>.

Data de registro: 24/04/2017

Data de aceite: 11/05/2017